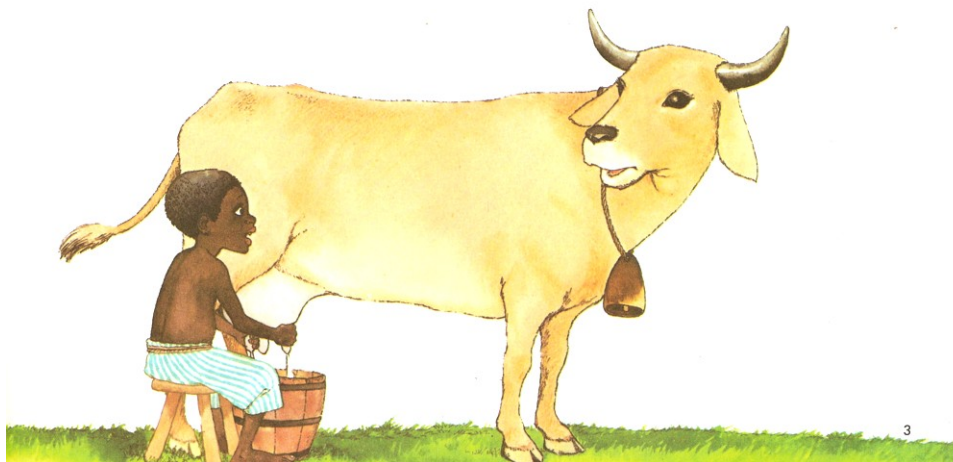
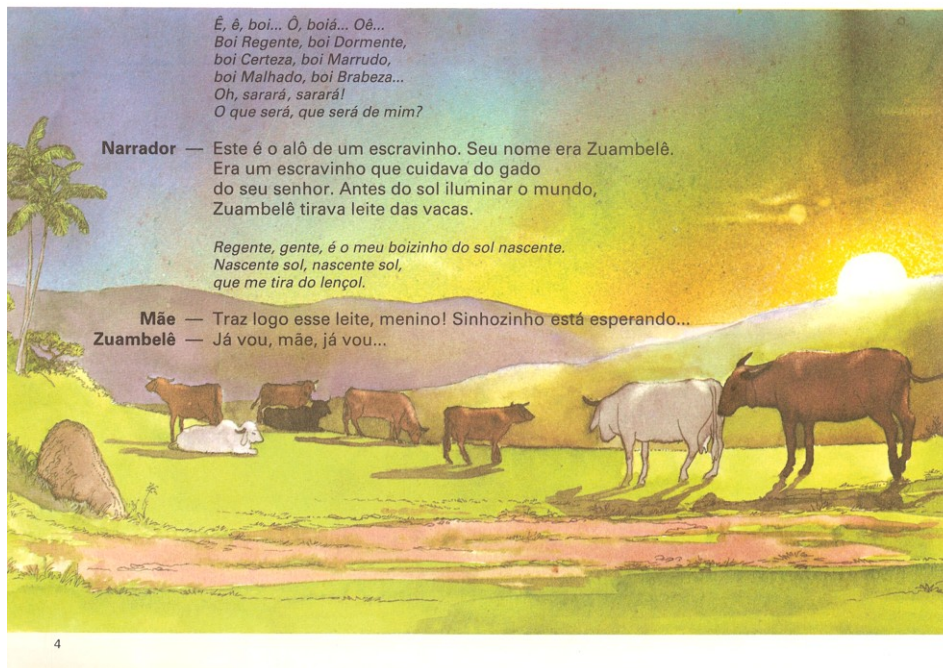


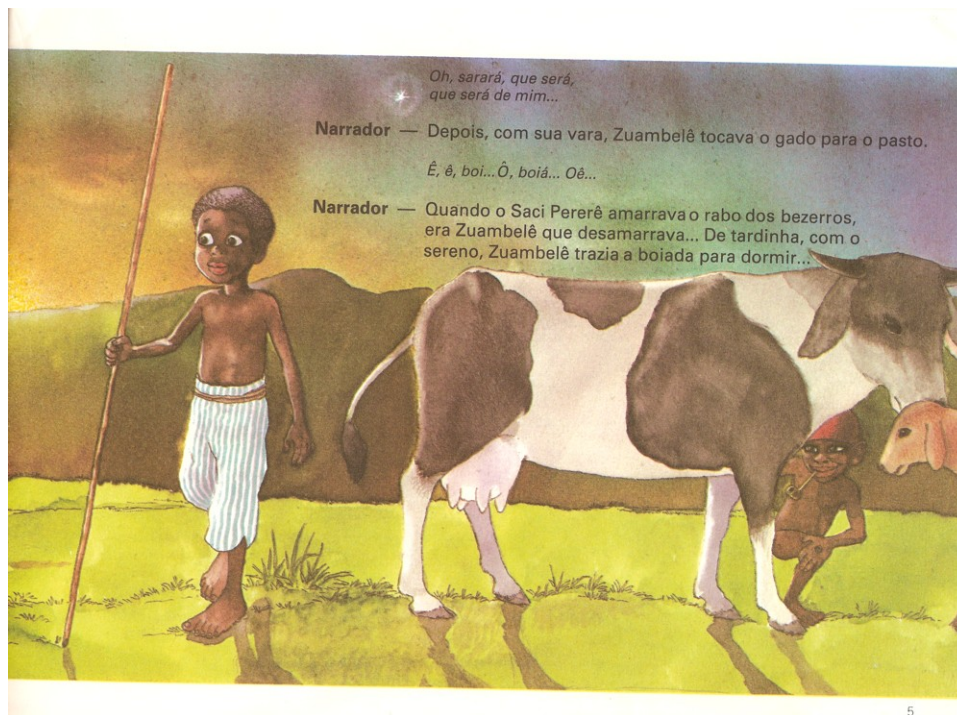


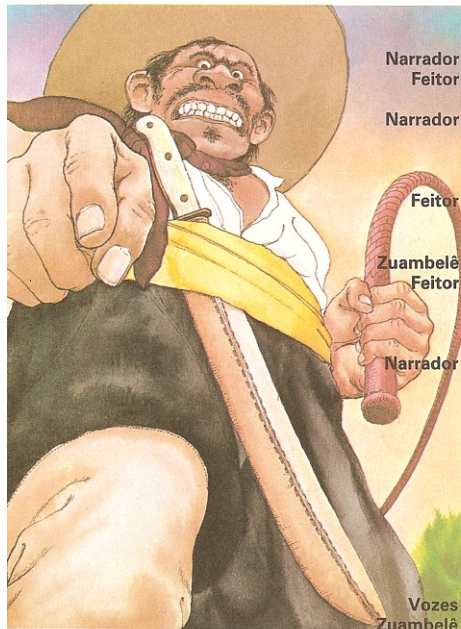
O MISTÉRIO DE ZUAMBELÊ

História: JOEL RUFINO DOS SANTOS
Ilustrações: GERSON CONFORTO



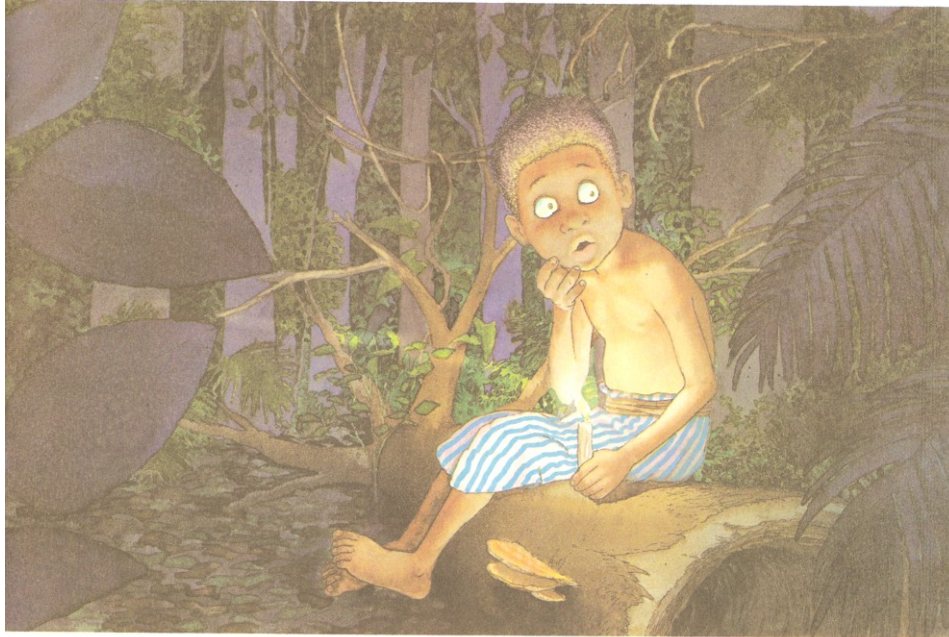


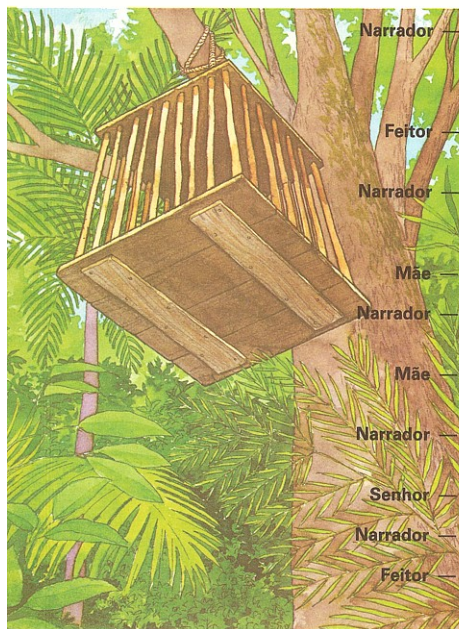




- Narrador** — O feitor, então, contava um por um...
- Feitor** — Um, boi Regente... dois, boi Dormente... três, boi Certeza, quatro, boi Marrudo...
- Narrador** — Só depois de contado o último boi é que Zuambelê podia dormir. E acabava dormindo ali mesmo, encostadinho nas vacas, sonhando com mangas e soldadinhos de lata. Vai que um dia, porém...
- Feitor** — Quatrocentos e quinze, boi Zangado... quatrocentos e dezesseis, boi Lustroso...
- Zuambelê** — Ué, cadê o resto, menino?
- Feitor** — O resto? Que resto?
- Feitor** — Não se faça de desentendido! E, quando falar comigo, fique de pé, seu moleque atrevido! E só me volte aqui com os animais que estão faltando, ouviu bem?
- Narrador** — Cabeceando de sono o negrinho se levantou e entrou no mato escuro para procurar os animais que tinha perdido. O negrinho só via sombras! Feria o pé em espinhos, batia a cara em teias de aranha! Mas nada de achar! Então, Zuambelê resolveu chamar seu padrinho Oxossi, senhor das árvores altas e copadas, das plantas verdes e baixas, dono do mato e dos perigos do mato. Sentou num tronco. Pôs a vela de lado e cruzou os dedinhos, como sua madrinha tinha ensinado. De repente ele ouviu um barulho estranho...
- Vozes** — Okê, okê, Oxossi!
- Zuambelê** — Quem é que está chegando? Salve, Oxossi! Okê, okê!

*Repente é pente que penteia o sol poente.
Poente sol, poente sol, estrelando meu lençol...*





Narrador — Um sopro misterioso apagou a vela.
O negrinho ventou de medo! Correu, correu,
até que agarrou o pé numa embira e caiu desmaiado...
Dia seguinte o feitor mandou procurar o escravinho.
E, quando ele chegou na fazenda...

Feitor — O seu castigo, moleque danado, vai ser ficar
pendurado numa gaiola, sem comer nem beber.
E, para cada boi perdido, um dia de castigo!

Narrador — E o feitor mandou colocar a gaiola dele lá no fundo
da mata, bem escondida. Ninguém podia
ajudar Zuambelê. Passaram os dias com suas noites.
Zuambelê, sem comer nem beber, foi sumindo...

Mãe — O que é que foram fazer com meu filho, meu Deus?
Pra onde será que levaram o meu neguinho?

Narrador — E o tempo foi passando. Dias, semanas, meses,
estações... Ninguém mais parecia
se lembrar de Zuambelê. Ou melhor, quase ninguém...

Mãe — Tá fazendo um ano que meu neguinho sumiu...
Onde será que ele está, meu pai Oxalá?
Quem será que levou o meu filho?

Narrador — Só o vento respondia... E foi numa noite
de muito vento que o dono da fazenda e o feitor
acordaram com o barulho de um galope.

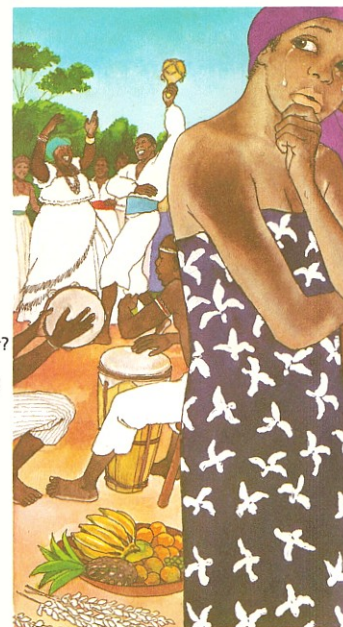
Senhor — Anda, anda, meu feitor. Anda a ver que boiada
é essa que não nos deixa dormir.

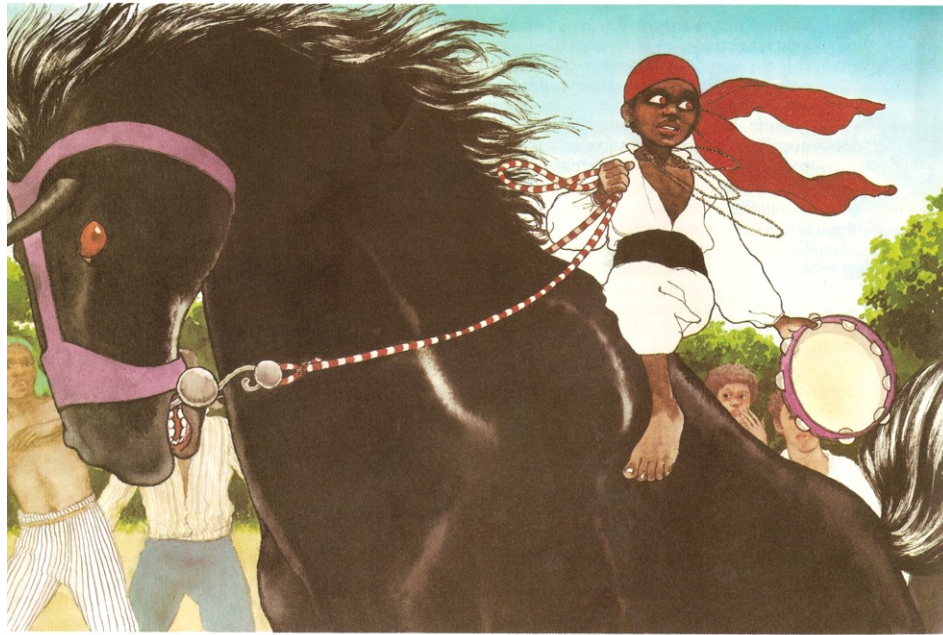
Narrador — O feitor batia tudo atrás daquele tropel.
Adiantava, não.

Feitor — É uma boiada invisível, meu patrão. Tentei laçar,
laço não pegou. Quem conduz essa boiada
não é negro daqui, não, meu sinhô!



- Senhor** — Então é negro encantado. Anda, vá acender vela no cerrado.
- Narrador** — O feitor acendia uma vela, o tropel ia sumindo e desaparecia. E foram assim todas as noites de inverno. Só que uma coisa muito boa acontecia quando a boiada aparecia... O senhor e seu feitor acendiam vela no cerrado e os escravos achavam coisas perdidas. Assim o tempo foi passando. Ninguém mais se lembrava de Zuambelê na fazenda. Ninguém, não, quase ninguém...
- Mãe** — Onde anda meu filho, São Benedito? Cadê meu Zuambelê?
- Narrador** — E só o vento respondia, como sempre... Vai daí que chegou o dia da grande festa de Iemanjá! Nunca se viu tanta alegria, tanta comida junta como naquela festa da Senhora do Mar...
- Vozes** — Quem vai querer? Efó, canjica, açaçá? Quem vai querer? Banana assada, de São Tomé? Quem vai querer?
- Narrador** — E a festa ia acontecendo numa animação de dar gosto!
- Do samba se faz a roda, vadia, vadeia, ioiô!
Em roda se fez a Terra, vadia, vadeia, iaiá!
Onde um coração escravo, vadia, vadeia...
Sofre longe de Aruanda.
É a roda do sol, cadê você, neguinho?
Que alumia o céu, cadê você, neguinho?
É a roda do dia, que abre a porta da alegria!*
- Narrador** — Mas, de repente...
- Vozes** — Minha gente! É barulho de galope!
E que galope mais estranho!

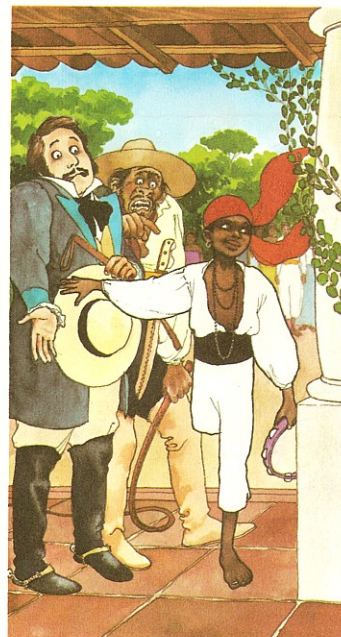


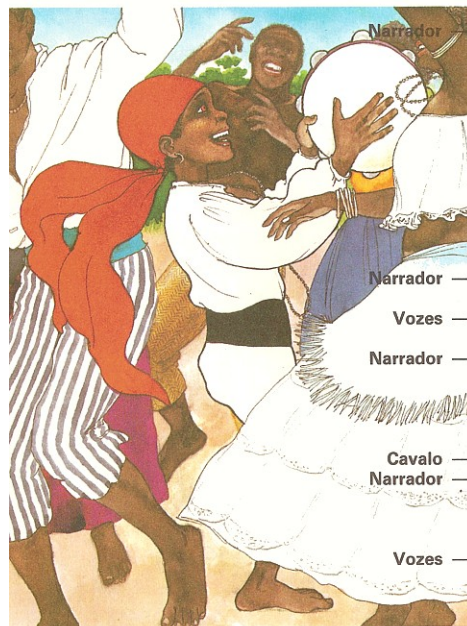


- Narrador** — E o barulho foi crescendo, aumentando, até que, de repente, surgiu do mato que rodeava a fazenda o vulto de um cavalão enorme! O povo todo que estava na festa parou! Todo mundo só tinha olhos para o cavalão enorme que chegou até o meio da festa e se ajoelhou para o cavaleiro descer.
- Vozes** — Nossa! Que neguinho mais chique! Olhe só o lenço vermelho da cabeça dele! E o pandeiro debaixo do braço! E que roupa, meu Deus! Tão branca que dói só de olhar!
- Narrador** — Mas, ah, minha gente, que surpresa! Um neguinho tão chique como aquele...
- Voz** — Cruz Credo! Mas ele tem uma perna só!
- Narrador** — Ele fez um sinal de cabeça para o dono da fazenda e os dois entraram na casa para tratar de algum assunto importante, pelo jeito...
- Voz** — Continua a festa, minha gente, que amanhã é dia de branco!

Você diz que dá no nego, no nego você não dá...

- Narrador** — Quando o samba parou, todos correram para olhar bem de perto o cavalo do neguinho que tinha ficado no terreiro.
- Vozes** — Olhem só como ele é torto! Nossa! Do lado que tem mão, não tem pé! E do lado que tem venta não tem olho! Meu Jesus! E do lado que tem chifre não tem orelha!
- Narrador** — Todo mundo estava de boca aberta e olho arregalado...
- Vozes** — Esse neguinho só pode ser Ossanha! Só ele tem um cavalo assim! Que nada! Isso aí é cavalo normal que trombou em alguma casa e ficou troncho desse jeito!





Narrador

O cavalo torto, porém, nada respondia... Dali a pouco o neguinho veio saindo da casa do senhor... E já veio batucando seu pandeiro! E daí, não houve quem resistisse. Todo mundo caiu no samba rasgado: iaôs, dudus e até os babás mais velhinhos, de bengala e carapinha branca...

É a roda do Sol!

Cadê você, neguinho, que alumia o céu?

Cadê você, neguinho?

É a roda do dia, que abre a porta da alegria!

Narrador — E no meio daquele samba rasgado muita coisa maravilhosa começou a acontecer...

Vozes — Achei o meu tamanco! Apareceu meu pente! Olhe o meu sapato!

Narrador — Enquanto isso, o neguinho tocava seu pandeiro. Lá pela madrugada o neguinho já estava suado de tanto pandeiar. Já tinha comido três pratos de caruru e milho com dendê, quando o seu cavalo se aproximou, ajoelhou-se perto dele e falou...

Cavalo — S'imbora, dudu Zuambelê, que tá na hora.

Narrador — Ninguém ficou admirado, não, daquele cavalo falar. Já sabiam que era um cavalo encantado. Surpresa, sim, foi o nome do neguinho chique, tocador de pandeiro...

Vozes — Bem que eu estava achando esse neguinho conhecido... O nosso Zuambelê! Zuambelê, você veio só sambar ou veio resolver alguma coisa?

Zuambelê — Eu vim buscar minha mãe.
Voz — Mas onde é que você mora agora?
Zuambelê — Em Aruanda.
Voz — E como é lá em Aruanda, Zuambelê?
 Melhor do que aqui?
Zuambelê — Em Aruanda é assim, cobertinho de palmeiras.
 Tem cachoeira de Oxumaré pra tomar banho a hora
 que a gente quiser e não tem feitor pra bater
 em neguinho, não!
Narrador — E foi então que chegou a mãe de Zuambelê, velhinha
 já, apertando os olhinhos pra poder enxergar.
Mãe — Ah, meu São Benedito, é ele mesmo! É o meu
 neguinho que voltou!
Narrador — Zuambelê deu a mão pra ela subir na garupa
 do cavalo torto... E as perguntas continuavam,
 uma atrás da outra...
Voz — Zuambelê, o que é que você faz agora?
Zuambelê — Meu trabalho é levar boiada pra Aruanda. Com a vara
 que meu padrinho Oxossi me deu, tudo vira
 encantado, voando por cima dos pastos e das
 fazendas. Mas só no inverno, em noite de muito vento.
Narrador — Ah, então aquele tropel estranho que se ouvia
 era a boiada invisível que Zuambelê conduzia
 para Aruanda! Pois é... Mas as surpresas ainda não
 tinham acabado naquela festa de Iemanjá!
Vozes — Zuambelê, me leva pra Aruanda com você?
 Eu também quero ir! Você me leva?
 Eu também! Eu também! Eu também!
Zuambelê — Levo! Vou levar todo mundo para Aruanda!
 Todo mundo vai ficar livre!





Narrador — E então Zuambelê começou a tocar seu pandeiro de um jeito muito especial... E a cada vez que tocava seu pandeiro encantado, um escravo ficava pequenininho e sumia dentro dele!

*Pequeninho, sumindinho,
sumindinho, pequenininho...*

Narrador — E foi assim, até que não sobrou nenhum escravo... Já vinha nascendo o dia quando o dudu Zuambelê guardou o pandeiro debaixo do braço...

Zuambelê — S'imbora, meu padrinho Oxossi!
A caminho de Aruanda!

*Quando um coração escravo, vadia, vadeia, ioiô,
entra na roda de samba, vadia, vadeia, iaiá,
é pela roda do pandeiro, vadia, vadeia,
que abre a porta de Aruanda!
É a roda do sol...*